

Entrevista com a historiadora Myriam Tsikounas

Entrevista e tradução:

Jean Carlos Pereira da Costa*

Apresentação: Myriam Tsikounas é formada em História pela Université Paris 8 – Vincennes-Saint-Denis, é mestre em História e doutora em Études Cinématographiques e em História pela mesma universidade. Ela é responsável pelo centro de pesquisa *Imagens, sociedades e representações* (ISOR) do Centro de História do Século XX da Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne e diretora da Revista *Sociétés et Représentations*. Ela também é professora de História e Comunicação do departamento de História da Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne desde 1993, onde coordena o Master Histoire et Audiovisuel desde 2005.

Jean Costa: Você poderia falar um pouco da sua trajetória na academia francesa e como você chegou à coordenação do mestrado em Histoire et Audiovisuel da Université Paris 1, a Panthéon-Sorbonne?

Myriam Tsikounas: Meu percurso acadêmico é um pouco atípico, como todos os percursos acadêmicos normalmente são. Eu comecei estudando Jornalismo, mas eu desisti depois de 6 meses porque eu me dei conta de que não era exatamente isso que eu queria fazer. Depois disso, eu decidi ir para o Institut National des Langues et Civilisations Orientales (Inalco), onde eu comecei a assistir como ouvinte às aulas de Civilização Russa para não perder o ano. Na verdade, eu assisti às aulas de língua russa e de civilização russa, mas as aulas sobre a civilização foram as que mais me interessaram. No ano seguinte, eu me inscrevi, então, no curso de graduação¹ em Histoire do Inalco. Uma das disciplinas do meu curso era ministrada na Université Paris 8, em Vincennes, e, no último ano do curso, eu decidi fazer a transferência pra essa universidade. Lá, eu descobri que havia uma disciplina de História e Audiovisuel que era

Entrevista realizada em Paris, França no dia 05 de maio de 2017

* Mestrando em Cinéma et Audiovisuel pela Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne e em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: jeancpcosta@gmail.com.

¹ No ensino superior francês, a graduação é chamada de *licence* e tem uma duração de 3 anos, normalmente. A partir do ensino médio, cada ano de formação é contado como BAC+1, BAC+2, BAC+3. No Brasil, as graduações duram em geral 4 anos, o que equivaleria a um nível de estudos BAC+4, ou o primeiro ano de mestrado da França.

ministrada pelo professor Pierre Sorlin. Ele ministrava esse curso com uma professora de literatura comparada e especialista em língua italiana, e com um especialista em letras modernas cujo trabalho se concentrava na obra literária e cinematográfica de Marguerite Duras. Eu achei esse um curso muito desconcertante e surpreendente, em que nós tínhamos que esquecer completamente tudo o que sabíamos. Nessas aulas, uma frase bem característica de Pierre Sorlin me marcou bastante: “O discurso está em todo lugar, assim como a ficção. Mesmo em um relatório policial”. Eu percebi, então, que ele tinha uma linha de pensamento bastante diferente. Na época, ele estudava o cinema italiano e eu lhe disse que eu gostaria muito de estudar o cinema italiano no mestrado. Ele, então, falou que não entendia o porquê da minha mudança de tema e indicou que eu continuasse com meus estudos sobre a civilização russa, já que praticamente toda a minha formação havia sido no Inalco. Eu decidi, portanto, fazer meu mestrado sobre a história russa, sobre o movimento revolucionário do século XIX. Depois, com o fim do mestrado, eu percebi que eu queria mesmo era estudar Cinema. Falei novamente com Pierre Sorlin, que, nessa época, dedicava-se ao estudo do cinema soviético, debruçando-se mais especificamente sobre os experimentos de Serguei Eisenstein. Ele me propôs pesquisar um tema que fosse ligado à história e aos russos. Eu decidi, então, pesquisar a Comuna de Paris sob o ponto de vista dos soviéticos, concentrando meu trabalho sobre a Nova Babilônia. Assim, Pierre Sorlin me disse que eu deveria fazer duas discussões: uma com ele, na História, e depois, outra em cinema, na Université Paris 3, a Sorbonne-Nouvelle. Quando eu cheguei a Sorbonne Nouvelle, encontrei o professor Michel-Marie no departamento de cinema, que era pequeno e tinha sido criado há pouco tempo. Fiz minha inscrição nas disciplinas e fiz meu doutorado.

Depois da minha primeira tese, comecei a trabalhar como montadora de filmes para entender como pensar o cinema do ponto de vista de sua produção. Nessa época, os estudos de semiologia estavam em alta na França e tanto Michel-Marie quanto Pierre Sorlin voltaram seus estudos para esse tema. Para eles, a análise textual bastaria para compreender uma obra cinematográfica e suas condições de produção, identificando-as por meio da análise dos signos. Para mim, a análise de imagens não funciona desse jeito. Eu precisava de uma experiência prática que me permitisse entender como a produção, as filmagens e a edição de um filme funcionam concretamente para enriquecer meu método de análise. Depois de trabalhar como assistente de montagem com Frédéric Rossif, procurei novamente Pierre Sorlin para conversar sobre minha segunda tese, já que no regime de ensino da época nós fazíamos duas teses. Pierre Sorlin me disse, então, que eu não deveria fazer minha tese com ele, pois seria muito difícil de conseguir algum cargo na universidade depois da tese, visto que os orientandos de Marc Ferro

ocupavam todas as vagas de cinema e ele ficava apenas com a parte de História Contemporânea mais dura. Ele decidiu, então, sair da Universidade Paris 8 e ir para a Sorbonne Nouvelle em um cargo de professor de Sociologia dos Meios de Comunicação, o que me deixou um pouco órfã. Meu tema era a representação da sociedade soviética em seu próprio cinema e eu tive que me reinscrever para a tese na Paris 8 com um professor que não era nem especialista sobre a Rússia, nem especialista sobre o cinema. Fizemos uma cotutela com Pierre Sorlin, mas não foi muito prático.

Eu assisti nesse período às aulas de Christian Metz, que me apresentou um professor finlandês que tinha uma pesquisa sobre o álcool no cinema francês e no cinema finlandês, então eu fui para a Finlândia estudar os filmes finlandeses, e quando eu voltei para a França o Centre National de Recherches Scientifiques (CNRS) me propôs um contrato de jovem pesquisadora para fazer meus estudos sobre o cinema e a história. Eu fui instalada, então, na Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, em um centro de pesquisas que se tornaria o meu laboratório de trabalho atual. Lá, eu estava ligada a um professor de sociologia que convenceu os colegas de laboratório que era necessário estudar e escrever a História por meio das imagens. Muitos estudantes que não eram franceses não conseguiam entender, por exemplo, a história do trabalho do século XIX, eles não conseguiam sequer visualizar o que seria uma usina. Foi então que eu comecei a trabalhar bastante com o Instituto Nacional do Audiovisual (INA), pesquisando nos arquivos do instituto. Depois, consegui um cargo de assistente associada ao instituto e, depois, foi solicitado um cargo de professor em História e Comunicação na Université Paris 1, para o qual eu me candidatei. Foi ótimo porque eu me integrei muito bem à equipe, que contava com Alain Corbin, mas eu tive muita sorte de conseguir passar nesse concurso em História, porque a maior parte dos meus colegas que estudavam cinema e história foram para departamentos de cinema ou comunicação, e não de história.

Jean Costa: E o mestrado em História e Audiovisual? Como ele surgiu?

Myriam Tsikounas: Aos poucos, a ideia de fazer uma ligação entre as imagens e o ensino de história de forma mais autônoma cresciam. Foi, na verdade, o INA que procurou a Université Paris 1 para propor um convênio, alegando que já havia uma participação do Instituto de Cinema e Artes da universidade na pesquisa dos arquivos e que seria muito interessante que o Instituto de História pudesse participar disso, tendo uma visão e um acesso privilegiado aos arquivos do INA. Nessa época, o Instituto de História e o Instituto de Cinema e Artes tinham um mestrado em conjunto e um dos seus módulos era ligado à pesquisa e reutilização de

arquivos do INA. No mesmo ano, no entanto, o INA veio até nós do Instituto de História e nos propôs que fizéssemos um mestrado completo com eles, porque eles queriam um convênio mais ativo com a universidade. Já havia nessa época um mestrado em Direito da Propriedade Intelectual, criado em parceria entre o INA e o curso de Direito da Université Paris 1 e eles queriam criar mais vínculos com a universidade. Essa conversa chegou em um ótimo momento, pois o grupo de História do Cinema e grupo de Estética do Cinema queriam autonomia em relação ao mestrado que eles haviam criado em conjunto e cada grupo queria criar um mestrado específico em suas áreas. Foi então que criamos o mestrado em História e Audiovisual, sob minha coordenação e com a parceria do INA, e o mestrado em História do Cinema, sob a coordenação da professora Sylvie Lindeperg.

Jean Costa: E como funciona esse mestrado? Ele é um mestrado mais profissional ou é um mestrado mais acadêmico?

Myriam Tsikounas: Os dois. O mestrado em História e Audiovisual é um mestrado indiferenciado². No primeiro ano de mestrado, os estudantes têm uma formação comum, eles estudam as mesmas coisas e, no segundo ano, eles podem escolher entre a especialização acadêmica e a especialização profissional. Escolhendo a opção acadêmica, eles vão dar continuidade à pesquisa monográfica que eles começaram no primeiro ano de mestrado com um professor que eles tenham escolhido como orientador de acordo com suas especialidades (História e radiodifusão, cinema, televisão, história da arte). Na modalidade profissional, nós temos, além dos professores da Université Paris 1, outros convidados que tiveram seus trabalhos como diretores, produtores, roteiristas e montadores reconhecidos no campo do cinema documentário e na docficção. Os alunos são convidados a participar de alguns seminários de Direito da propriedade intelectual e no segundo semestre há doze seminários de discussão com diretores de documentários históricos, além de disciplinas eletivas como a de Montagem Audiovisual.

² Na França, o mestrado é dividido em dois anos, mas o aluno não é obrigado a cursar os dois anos na mesma formação. Um aluno pode fazer o primeiro ano de seu mestrado (M1) em Filosofia e o segundo ano (M2) em História e Audiovisual, por exemplo. Nesse caso, ele tem um diploma de M1 (BAC+4) em Filosofia e um diploma de M2 (BAC+5) em História e Audiovisual. Um mestrado indiferenciado é normalmente um diploma de M1, quando o aluno ainda não decidiu se quer seguir para um mestrado profissional ou para um mestrado acadêmico. Normalmente esse escolha se dá no segundo ano do mestrado.

No caso de outras formações, como no mestrado generalista em História, os alunos podem também dedicar uma parte sua formação a outras especialidades. Eles podem, por exemplo, fazer um mestrado em História Contemporânea e participar de uma disciplina eletiva do curso de mestrado em História e Audiovisual. Isso permite aos alunos ter uma formação mais completa e entender como funcionam as outras formações em História. Existem alunos em História Antiga que querem estudar a representação de determinadas figuras históricas em séries recentes. Eles podem participar de disciplinas eletivas sobre representação do mestrado de História e Audiovisual.

Jean Costa: E como funcionam os estágios³ para esse mestrado?

Myriam Tsikounas: O estágio é obrigatório tanto para a modalidade acadêmica quanto para a modalidade profissional do mestrado. Para aqueles que optam pela especialidade acadêmica, um estágio de 1 a 3 meses é obrigatório para a liberação do diploma, enquanto que, para a especialidade profissional, nós estamos revendo a duração do estágio. Este ano, indicamos uma duração de 6 meses para o estágio, mas foi bastante complicado, pois os alunos não conseguem terminar o estágio ou retornar para a faculdade e defender o relatório de estágio que eles devem escrever ao final de suas experiências profissionais. Nós começamos com um estágio de 5 meses e estamos pensando em voltar para essa duração, apesar de as empresas preferirem estagiários que trabalhem por 6 meses. Eles normalmente buscam estagiar como assistentes na produção de documentários, mas há aqueles que estagiam em pequenos jornais, revistas.

Jean Costa: E qual o trabalho final que deve ser entregue pelos estudantes nas duas modalidades desse mestrado?

Myriam Tsikounas: Para o mestrado profissional, é um relatório de estágio que eles precisam defender no fim do semestre. É por isso que não ficamos muito contentes com os resultados desse ano. Quando eles estagiam apenas por 5 meses, eles têm tempo no fim do semestre para conversar com seus orientadores e refletir melhor sobre o que eles podem escrever em seus relatórios, fazendo uma ligação mais forte com aquilo que eles aprenderam no curso e na prática. Com um estágio de 6 meses, eles não voltam para finalizar o curso. Como na França está cada vez mais difícil conseguir um trabalho, eles acham que se derem continuidade ao

³ No ensino superior francês, é comum que os alunos de M1 e M2 façam estágios. Isso é diferente do estágio docente realizado pelos estudantes de mestrado no Brasil. O caso da França é mais parecido com os estágios de graduação do Brasil. Normalmente, o estágio é obrigatório para a liberação do diploma de mestrado.

estágio mais tempo, eles vão ter mais chances de conseguir um trabalho. O que pretendemos fazer para o próximo ano é um primeiro estágio de 3 meses e depois outro estágio de 3 meses, de forma que eles façam no total 6 meses de estágio, sem, no entanto, prejudicá-los na escrita e na defesa do relatório de estágio. Para o mestrado acadêmico, é uma dissertação. Os temas mais trabalhados são ligados à história do crime e ao *star system*.

Jean Costa: Uma diferença muito marcando entre a Pós-graduação na França e a Pós-graduação no Brasil é que vocês têm muitas especialidades de mestrado. Por exemplo, em História, vocês têm um mestrado em história ambiental, um mestrado em história e audiovisual, etc. Qual o perfil dos alunos de mestrado do curso de História e audiovisual da Université Paris 1?

Myriam Tsikounas: Muitos alunos que chegam ao primeiro ano de mestrado não entendem que nosso curso é um mestrado em História. Eles querem ser diretores, produtores... Nós temos que explicar a eles que, para esse tipo de formação, eles devem buscar um mestrado no Instituto de Cinéma e artes ou em outra universidade. No nosso mestrado em História e Audiovisual, eles têm que fazer uma dissertação. Então, nós entregamos uma lista de temas indicativos para que eles tenham noção de que eles precisam trabalhar dentro de determinados moldes. Isso não quer dizer que eles não possam criar novos temas, mas nós precisamos que eles compreendam que eles estão em um mestrado em História e não somente em cinema. Então, o nosso objetivo é que eles reflitam sobre o material audiovisual que está à disposição deles para que eles tentem escrever a história a partir de imagens e sons. Nós estamos lá para tentar mostrá-los que esse material foi construído, por que e por quem ele foi construído e qual a importância de arquivá-lo e como eles como historiadores podem utilizar esse material.

Jean Costa: E no doutorado? Como funciona para os alunos que vêm dessa especialização?

Myriam Tsikounas: No caso do doutorado, os alunos se inscrevem na Escola Doutoral de História e optam pelos professores que mais se aproximam de suas pesquisas. Mas é um doutorado mais geral em História. Quem dá o rumo à pesquisa são o aluno e seu orientador.

Jean Costa: E os contratos doutorais? Os alunos com temas ligados à relação entre História e Audiovisual são contemplados por essas bolsas?

Myriam Tsikounas: Nós temos uma boa quantidade de contratos doutorais no nosso Instituto de História. No entanto, ainda é difícil convencer os outros colegas historiadores da banca de seleção de doutorandos contratuais da relevância desse tipo de pesquisa. Os alunos conseguem bolsas, mas eles sabem que quando vão para a entrevista com os membros da banca vão receber mais perguntas do que a maioria dos colegas que pesquisam temas mais tradicionais.

Jean Costa: E como pensar a escrita da História pelas imagens?

Myriam Tsikounas: O que eu tento mostrar aos meus alunos é que as imagens não são e não podem ser meras ilustrações. Não adianta escrever um trabalho e colocar imagens sem interrogá-las. Se nós trabalhamos com imagens, é necessário interrogá-las até o fim. No mestrado de História e Audiovisual, nós fazemos o exercício de decodificar as imagens. Para entender a História, é necessário decodificar e interrogar suas imagens. É necessário ir aos arquivos e buscar não só o que neles está presente, mas também o que falta. Nós tentamos nesse mestrado entender todas as condições de produção das imagens com as quais trabalhamos. Vamos ao INA, depois vamos à prefeitura de polícia verificar se não houve qualquer censura na apuração de determinados casos, verificamos se não há determinados jornalistas ou cineastas fichados. Verificamos a recepção de determinadas imagens por meio de jornais, enquetes... Tudo isso para decodificar a imagem. Interrogamos a imagem e a História para reescrevê-la.